

FRANCISCO IZQUIERDO RÍOS: UM ESTUDO DE CRÍTICA E TRADUÇÃO

FRANCISCO IZQUIERDO RÍOS: UN ESTUDIO DE CRÍTICA Y TRADUCCIÓN

Lilian Pereira Nascimento¹

RESUMO: Esta pesquisa é uma breve fortuna crítica da obra de Francisco Izquierdo Ríos (1910-1981), autor da Amazônia Peruana, que escreveu sobre seu país, sua região e sua cultura. Com uma produção literária intensa, Izquierdo Ríos ainda é pouco pesquisado e traduzido. Há uma única tradução de sua obra publicada no Brasil, o romance *Chove em Iquitos* (1975), e por ter sido publicado durante o período militar brasileiro traz algumas discussões sobre crítica da tradução. O supracitado romance apresenta várias limitações tradutórias, como omissão de excertos por causa de temas censurados, desrespeito à linguagem regional, entre outras, para atender o “projeto de nação” idealizado pelos militares. Com Milton (2002) se analisa a política editorial da Clube do Livro, Lambert (2011) é base teórica sobre o modelo descritivo da tradução e Torres (2013) fundamenta questões sobre o perfil do tradutor. Izquierdo Ríos não se esgota no regionalismo, mas ultrapassa-o, principalmente quando atinge as dimensões estética e sociológica próprias da experiência literária.

Palavras-chave: Francisco Izquierdo Ríos; crítica literária; estudos da tradução; literatura amazônica.

RESUMEN: Esta investigación es un breve estudio crítico de la obra de Francisco Izquierdo Ríos (1910-1981), autor de la Amazonía Peruana, quien escribió sobre su país, región y cultura. Con una intensa producción literaria Izquierdo Ríos todavía está poco investigado y traducido. Solo hay una traducción de su obra publicada en Brasil, la novela *Chove em Iquitos* (1975), y por haber sido publicada durante el período militar brasileño trae algunas discusiones sobre crítica de la traducción. La novela mencionada tiene varias limitaciones de traducción, como omisión de fragmentos por temas censurados, la falta de respeto al lenguaje regional entre otros, para cumplir el “proyecto de nación” idealizado por los militares. Con Milton (2002) se analiza la política editorial del Clube do Livro, Lambert (2011) es la base teórica sobre el modelo descriptivo de la traducción y Torres (2013) sustenta preguntas sobre el perfil del traductor. Izquierdo Ríos no se limita al regionalismo, sino que lo supera, sobre todo cuando logra las dimensiones estéticas y sociológicas propias de la experiencia literaria.

Palabras-clave: Francisco Izquierdo Ríos; crítica literaria; estudios de la traducción; literatura amazónica.

¹ Doutorado em Estudos da Tradução-PGET/UFSC. Docente do Instituto de Educação Matemática e Científica-IEMCI/UFPA e Membro permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução-POET/UFC.

1 Contextualizando

Nesta pesquisa apresento Francisco Izquierdo Ríos (1910-1981), autor peruano conhecido por incentivar a produção literária na Amazônia iquitenha nos anos 40, e conduzir até à capital limenha a literatura escrita na Amazônia, que até aquele momento ainda não tinha garantido o espaço no campo da crítica e nem divulgação das obras escritas e produzidas nessa grande região. Este artigo é um recorte da minha tese de doutorado, que objetiva apresentar o percurso literário do supracitado autor no Peru e sua tradução publicada no Brasil, em 1975.

A presente discussão tem a iniciativa de elencar alguns motivos sobre a pouca visibilidade das obras do supracitado escritor peruano nas pesquisas acadêmicas, pois ao traçar os caminhos percorridos por Izquierdo Ríos, é possível identificar na raiz dessa penumbra aquele tipo de boicote cultural que costuma silenciar as vozes que se erguem em favor dos direitos humanos, como é a voz literária deste escritor, sua principal ferramenta, sua arma mágica, que usa tanto para expressar a cultura popular de várias regiões desconhecidas pelos próprios peruanos, quanto para denunciar injustiças sociais, pois, como muito bem lembra Candido, “[a] literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.” (1988, p. 75).

Refletir sobre a vida e a obra de Izquierdo Ríos, principalmente focando sua trajetória literária (social e estética), exige compreender as marcas poéticas deixadas pelo autor em seus escritos literários, essas que fazem referência não só à poética amazônica, mas também à visão geral cultural dos povos que convivem nas três macrorregiões de seu país (costa, serra e floresta). Muitos de seus escritos fazem parte de sua própria experiência de vida, pois segundo Espezúa Salmón (2008, p. 94) o referido escritor amazônico afirmava que havia relação entre sua própria vida e a sua obra literária, demonstrando que a realidade seria sua fonte de criação, já que é fruto do meio em que nasceu e experimentou na vida. Para o próprio literato, as experiências de vida influenciaram não só na criação de enredos e personagens, como também para definir sua postura política diante das adversidades que enfrentava com as autoridades locais.

Izquierdo Ríos nasceu na cidade de Saposoa, província de Huallaga, departamento de San Martín, em plena região amazônica peruana, em 1910. Passou toda sua formação escolar nesta região, até conseguir uma bolsa para continuar os estudos em Lima, em 1926. Formou-se no Instituto Pedagógico Nacional de Varones de Lima, em 1930, como professor normalista, descobrindo aos poucos o caminho que o conduziria a exercer a escrita literária. Em 1932, com apenas 22 anos de idade, assume a carreira de docente na Escola Primária nº 175, de Soritor. Em seguida é nomeado diretor escolar em Moyobamba. Neste mesmo ano, é perseguido e enviado para a colônia penal “El Sepa” por apresentar desde cedo grande sensibilidade humana e convicção da necessidade de engajar-se na luta social.

Suas ideias revolucionárias incomodaram fortemente as lideranças locais. Nesta época, aproximou-se do pensamento político-social de Mariátegui.² Ayala Olazával (2012) comenta que neste momento de sua vida se identificou com as ideias de Mariátegui por conta de sua intensa sensibilidade social e histórica, visto que tinha necessidade de descolonizar e desestruturar tanto o poder político dominante quanto o pensamento servil presente na sociedade peruana. Izquierdo Ríos não chegou a ser preso na colônia penal, por encontrar no percurso, na cidade

² José Carlos Mariátegui (1894-1930), escritor, jornalista e pensador peruano, grande estudioso do pensamento marxista na América Latina e fundador do Partido Socialista Peruano, em 1928.

de Chachapoya, um antigo professor que no momento assumia o cargo de prefeito da cidade. Esse professor o reconheceu, e, assim, o liberou. Nesta mesma cidade, em 1934, por conta de suas ideias políticas, fica desempregado até a mudança de governo. No final do ano, consegue novamente o emprego de professor, mas é transferido para o departamento do Amazonas, trabalhando como professor peregrino em várias partes distantes da Amazônia peruana, como “castigo” por sua simpatia pelo socialismo.

Suas atividades literárias começam a partir de 1936, quando publica o livro de poemas *Sachapuyas*. Em seguida assume o cargo de inspetor educacional em Mendoza, e na cidade de Luya como servidor efetivo do Ministério da Educação, no mesmo cargo. No ano de 1939 é transferido para Iquitos, como Inspetor Educacional. A sua permanência nesta cidade, apesar de curta, foi suficiente para registrar a memória social do lugar: as histórias orais, paisagens naturais, situações vivenciadas, e muitas outras riquezas deste espaço amazônico de grande beleza e também de imensa miséria e injustiça.

Em Iquitos, Izquierdo Ríos lança a revista literária *Trocha*, cujo primeiro número saiu no dia 30 de setembro de 1941 e o último, no dia 27 de julho de 1942. Esta revista vinha acompanhada de um suplemento dedicado à literatura infantil, com o nome *Trocha Infantil*. Segundo Ricardo Virhuez Villafañe, *Trocha* é a primeira revista infantil fundada no Peru, acolhendo professores, poetas e outros profissionais que pretendiam divulgar seus anseios educacionais através da literatura (2014). A revista teve somente nove números publicados, que, no entanto, foram suficientes para demonstrar seu compromisso com a Educação e a Literatura.

A palavra *trocha*, segundo o *Diccionario de la Real Academia Española (RAE)* significa “vereda o camino angosto y escusado, o que sirve de atajo para ir a una parte”.³ No *Diccionario Amazónico*, de Alberto Chirif (2016, p. 286), o termo *trocha* significa “Sendero en el monte. En la selva montañosa, las trochas han construido las verdaderas vías de comunicación hasta la construcción de carreteras”.⁴ A palavra “trocha” é também registrada no dicionário de língua portuguesa Caldas Aulete, com o significado de “atalho, caminho sinuoso, desvio.” Como se vê, o nome da revista sugere o caminho para se chegar à cultura de uma região pouco conhecida pelos limenhos através das próprias vozes amazônicas que nela ressoam. *Trocha* chegava a Lima através do Ministério da Educação e sempre esteve aberta a receber ensaios, artigos e ficção não somente dos docentes de Iquitos, mas de todos os intelectuais da região, como médicos, engenheiros, advogados, e outros interessados em escrever sobre temas relacionados à Amazônia.

Já em 1939, Izquierdo Ríos publica *Ande y Selva*, pelo Taller Gráfico de P. Barrantes C., na cidade de Chachapoya, livro de contos com identidade local referente a dois espaços geográficos (macrorregiões serra e floresta) pouco conhecidos. O autor peruano tinha total convicção de sua missão como escritor, completamente consciente, afirmando que era o momento de fazer, no Peru, um vigoroso trabalho regional, folclórico e em outros aspectos, a favor do conhecimento e da realidade nacional (IZQUIERDO RÍOS, 2010, p. 33). Compreendia, portanto, que os peruanos viviam em grupos isolados, e não se conheciam efetivamente, ignorando uns a cultura dos outros. Ao publicar *Ande y Selva*, já projetava o segundo volume, pois tinha muito material coletado, e um livro de contos era pouco para realizar o projeto de sua vida literária dedicado à publicação de obras sobre pessoas, culturas e lugares com pouca visibilidade em Lima. No geral, *Ande y Selva* era um projeto que abarcava a

³ “Vereda ou caminho estreito e reservado que serve de atalho para ir a uma parte.” (tradução minha)

⁴ “Senda na montanha. Na selva montanhosa, as trochas construíram as verdadeiras vias de comunicação até a construção de estradas.” (tradução minha)

apresentação literária das três macrorregiões peruanas (serra, costa e floresta) para integrar o Peru em um universo literário nacional. Esta mesma convicção de projeto também era de interesse de outros escritores da época, principalmente Ciro Alegría e José María Arguedas ao tratar do *Primer Encuentro de Narradores Peruanos* (1966), que aconteceu na cidade de Arequipa.

No ano de 1942 foi transferido para Lima como chefe do Departamento de Informações do Ministério da Educação. Em 1944, publica *Tierras Peruanas. Libro de lectura para niños del Perú*, pela Librería e Imprenta D. Miranda, seu primeiro livro de leitura infantil e juvenil. São pequenos contos e poesias de teor escolar com a clara intenção de “peruanizar” a criança escolarizada. Em 1946, escreve *Tierras de Alba*, livro que compartilha com mais dois autores, lançado pelo Ministério da Educação do Peru. O livro é um conjunto de relatos baseados em recordações de momentos vividos nos Andes e na Amazônia quando foi professor, marcado pelo registro da paisagem, do drama humano, e da variante linguística falada nas comunidades linguísticas dessas regiões.

Izquierdo Ríos sempre esteve disposto a trabalhar pela cultura de seu país, com grande sensibilidade humana. Nessa perspectiva, assumiu a direção da revista *Álbum del Perú*, publicação oficial do Ministério da Educação, no departamento do Patrimônio Escolar, e também foi responsável pela coordenação da Seção do Folclore. Fez um trabalho pioneiro nos anos 40, publicado pelo Ministério da Educação do Peru, que consistiu em uma recopilação de literatura popular (oral) de todas as regiões do país, juntamente com José María Arguedas (1911-1969). Deste trabalho de etnólogo, escritor e artista, surgiu o livro *Mitos, leyendas y cuentos peruanos*, publicado em 1947. Oito anos depois da morte de César Vallejo, escreve o livro de ensaio *César Vallejo y su tierra*, em 1949, sendo o primeiro a publicar uma crítica a respeito da obra do poeta, quando não existia nenhuma crítica sobre a obra de Vallejo.

O autor peruano, profundamente comprometido com o resgate e valorização da literatura oral, percorreu a serra, a costa e a floresta do Peru, observando o estilo de vida de seus compatriotas para, dessa vivência, construir seus contos, romances e poesias. Assim define seu modo de escrita literária (IZQUIERDO RÍOS, 2010, p. 315): “Credo: escribir de modo natural y sencillo, como crece la hierba. Y que por entre lo escrito se vea la luz de la vida.”⁵ Essa crença, como se vê, é uma espécie de “profissão de fé” fundada no interesse estético e social ao registrar a simplicidade das pessoas que vivem longe dos centros urbanos, que faz dele um significativo autor e representante do espaço amazônico no conjunto das letras peruanas.

Em 1949 será marcado por intensa atividade artística, pois publica: *Selva y otros cuentos* (livro de contos de temática amazônica), *Aspectos del folclore de Santiago de Chuco* (estudo sobre o folclore); colabora com os jornais *El Comercio*, *La Prensa*, *La Crónica*; com as revistas *Folclore*, dirigida por Florentino Gálvez Saavedra, *Cultura peruana*, dirigida por José Flores Arao, e outras revistas como *Nueva Educación*, *Turismo*, etc. Na década de 1950, mantendo sua intensa atividade laboral, publica *Cuentos del Tío Doroteo* (1950), obra de literatura infanto-juvenil; o conhecido romance traduzido para o português brasileiro *Días Oscuros* (1950); *Noche y alba* (1950); as obras infanto-juvenis *Papagayo, el amigo de los niños* (1952), *En la tierra de los árboles* (1952), *Mi aldea* (1953) e *El árbol blanco* (1953). Recebe o Prêmio Nacional de Fomento à Cultura Ricardo Palma, no ano de 1953. Também publica *Gregorillo* (1955), com o qual ganha o segundo lugar no Concurso Nacional de Novelas. E em 1959, publica duas obras de literatura infanto-juvenil: *Maestros y niños* e *Adán Torres*.

⁵ “Credo: escrever de modo natural e simples, como cresce a relva. E que por entre o escrito se veja a luz da vida.” (tradução minha)

Nos anos 60, Izquierdo Ríos assume a chefia do Departamento de Publicações da Casa da Cultura, e publica, pela editora espanhola Doncel, os livros de contos *Adán Torres* e *Gavicho*, premiados na Espanha (1965). No ano de 1967 produz o livro de contos *Sinti, el viborero*, e no ano seguinte publica *Mateo Paiva, el maestro*, um romance autobiográfico. A intensa amizade e muitas conversas com José María Arguedas, Ciro Alegría e Daniel Hernández fez com que escrevesse, em 1969, *Cinco poetas y un novelista*, obra de crítica literária sobre os poetas César Vallejo, Ricardo Porras Barrenechea, Anaximandro Vega, Luis Valle Goicochea, Alejandro Peralta e o romancista Ciro Alegría; publicando também, ainda no mesmo ano, o ensaio *La literatura infantil en el Perú*.

A década de 1970 foi um período de produção mais madura, embora publicando os romances *Muyuna* (1970) e *Belén* (1971), e se dedicando a registrar o folclore de San Martín e Loreto no livro *Pueblo y bosque* (1973). Em 1975, teve uma obra traduzida para o português brasileiro, *Chove em Iquitos* (1975), pela editora Clube do Livro. Em 1977, participou como jurado no Concurso Literário da Casa das Américas, em Cuba, e no ano seguinte publicou sua última obra *Voyá*, livro de contos que retrata personagens e lugares das mais variadas regiões do Peru; o título é uma expressão popular de despedida, quer dizer “ya me voy” ou “hasta luego”. Foi a forma que Izquierdo Ríos escolheu para se despedir de seus leitores. Nos anos 1980, Izquierdo Ríos assume o cargo de Presidente da Associação Nacional de Escritores e Artistas (ANEA). Faleceu aos 71 anos de idade, em junho do ano seguinte.

Este homem que foi, por conseguinte, um incansável escritor e compilador do folclore peruano, um humanista que valorizava a educação, por isso merece ter sua memória resguardada e sua produção estudada pela academia, não apenas porque compreendeu o valor imaterial do ato de educar como também zelou pela conservação da memória popular de seu país, atendendo culturas populares que ultrapassam os limites da capital Lima, como a cultura andina e a cultura amazônica, além, é claro, pela qualidade artística intrínseca de suas produções.

2 Breve fortuna crítica de Francisco Izquierdo Ríos

Izquierdo Ríos ainda não possui uma fortuna crítica significativa, o que sobre ele se escreveu está publicado de modo disperso e não abarca a diversidade de sua produção literária. No Peru, ele é conhecido como professor ou servidor do Ministério da Educação; um dos pioneiros na publicação de romances urbanos em seu país, *Días Oscuros* (1950), e também pioneiro na publicação de revistas literárias infantis, com o lançamento de *Trocha* (1942), e compilador da produção oral peruana, por ter publicado, juntamente com seu companheiro de trabalho o escritor José María Arguedas, o livro *Mitos, leyendas y cuentos peruanos*, em 1947. Arguedas, um dos nomes mais importantes por divulgar a literatura serrana do Peru no século XX, foi escritor e antropólogo, autor de importantes romances como: *Los ríos profundos* (1956), *Todas las sangres* (1964) e *El zorro de arriba y el zorro de abajo* (1971), entre outros.

Izquierdo Ríos e Arguedas participaram do *Primer Encuentro de Narradores Peruanos*, na cidade de Arequipa, em 1965, como já mencionado. Nesse encontro, os críticos fizeram a mediação e os escritores comentaram suas próprias obras, suas técnicas narrativas e a função da literatura no Peru. Espezúa Salmón reconhece que para os escritores Arguedas, Izquierdo Ríos, Churata e Alegría a técnica estava relacionada com a procura de uma voz que expressasse o espírito indígena do Peru, pois a discussão sobre técnica literária tinha a ver com um projeto

ético e estético que transcendesse a genuína aprendizagem de estratégias técnicas narrativas. (2008, p. 94)

Assim como Arguedas, Izquierdo Ríos sempre defendeu um registro literário não somente de feição serrana ou andina, como também amazônica. Ambos caminharam juntos na construção de uma literatura nacional, descentralizada da capital, oferecendo aos leitores outras perspectivas peruanas, que naquele momento eram desconhecidas do grande público. Hoje, esses dois autores já ultrapassaram as fronteiras de seu país, mas Arguedas alcançou muito mais espaço que Izquierdo Ríos, tanto no âmbito do público leitor comum, como no âmbito da academia. As pesquisas acadêmicas sobre as obras de Arguedas cresceram bastante, sobretudo depois de seu falecimento, em 1969.

Foi somente a partir de 2010, centenário de nascimento de Francisco Izquierdo Ríos, que a iniciativa de divulgação da literatura amazônica do Peru, em seu conjunto, ganhou efetivamente fôlego. Escritores, editoras e universidades locais começaram a trabalhar juntos para conquistar efetivo espaço nos circuitos literários, com feiras de livro, congressos, jornadas, encontros e colóquios. Entre os vários especialistas da área, que atualmente se encontram à frente desse projeto, são os escritores e pesquisadores da literatura amazônica peruana Roger Rumrill e Ricardo Virhuez Villafañe. Além disso, a Universidad Nacional Mayor de San Marcos (UNMSM) iniciou seu próprio projeto lançando o livro *Cuentos (Tomo I)*, de Francisco Izquierdo Ríos, em 2010. O projeto editorial da UNMSM previa a publicação de cinco tomos: Tomo I - Cuentos; Tomo II - Novelas; Tomo III - Poesía; Tomo IV - Ensayos y crónicas; Tomo V - Compilaciones. Infelizmente, até o presente momento, só foi publicado o *Tomo I - Cuentos*, e não se tem informação da publicação dos outros volumes.

Por isso a iniciativa, neste espaço, de associar a caminhada artística de Izquierdo Ríos e de Arguedas, sobre a abordagem da fortuna crítica do primeiro, pois ambos trabalharam para a divulgação da literatura amazônica e andina, compartilhando muitos projetos, dando o exemplo, e seguidos por outros escritores e pesquisadores, de divulgar a oralidade peruana e criar obras literárias esteticamente válidas a partir de suas raízes culturais. Meu intento, com isso, é ajudar a impedir a injustiça de que um deles apenas se sobressaia, deixando o outro à margem do discurso literário, o que já se observa. Gladys Flores Heredia, no prólogo do livro *Cuentos (Tomo I)*, lamenta muito o descaso com as obras e a memória de Izquierdo Ríos, que tanto zelou pela cultura e literatura de seu país, e ainda comenta que foi preciso passar 100 anos para que o injusto silenciamento em relação à memória de Francisco Izquierdo Ríos fosse quebrado, principalmente por falta de uma fortuna crítica consistente, e que foi somente a partir desse contexto que reuniram os contos completos e publicaram, para que as futuras gerações pudessem avaliar o legado que Izquierdo Ríos deixou para seu país (FLORES HEREDIA, 2010).

Para justificar a falta de espaço no círculo literário peruano ou latino-americano, Flores Heredia também comenta que a extensa e produtiva obra literária do supracitado autor peruano precisa ser estudada de forma sistemática, para que possam compreender as múltiplas faces e códigos literários, históricos e culturais em sua rica obra, e completa afirmando que há outra dificuldade, o fato das obras estarem esgotadas, sem circulação no mercado editorial, consequentemente longe do público leitor ativo. Essas análises de Flores Heredia justificam a grande importância da publicação do primeiro volume: *Cuentos - Tomo I*. É fato que, em 2010, foi comemorado o centenário de nascimento de Francisco Izquierdo Ríos em várias cidades peruanas, inclusive na capital Lima, na UNMSM, entretanto, ainda hoje, este autor permanece pouco pesquisado pela academia. Encontram-se, facilmente, citações de seu nome a respeito da literatura iquitenha ou amazônica, mas não análises críticas de suas obras literárias. Sobre essa

questão, Flores Heredia anseia para que se dê a devida atenção às obras de Izquierdo Ríos, para a construção de um espaço de diálogo e valorização de habilidade criadora, pedagógica e estética de sua produção intelectual.

Em outro texto, no prólogo do mesmo livro, Flores Heredia (2010) observa que a incessante fé de Izquierdo Ríos na literatura e na cultura, seja como professor, escritor ou intelectual, o conduziu à reflexão, questionando a formação e a afirmação de uma literatura amazônica autêntica e nacional, e comenta também que suas obras procuram desvelar aquilo que os discursos canônicos omitem, negam ou marginalizam, porque suas obras não conseguem realizar plenamente as imagens da capital limenha, ou atender pelo menos o perfil de cidade metropolitana.

Muitos críticos fazem referência ao escritor Izquierdo Ríos e suas obras, mas com demasiada brevidade. Francisco Bendejú afirma que o autor milita na linha de frente dos romancistas da Amazônia, que junto com Ciro Alegría e Arturo Hernández valoriza o realismo com características próprias e singulares (IZQUIERDO RÍOS, 1975). Luis Alberto Sánchez, no livro *La literatura peruana. Derrotero para una historia cultural del Perú* (1973) reconhece que Izquierdo Ríos é o autor peruano mais fecundo de todos os tempos, afirmando, ainda, que o escritor tem linguagem exata, apresenta “contenido firme de poeta”, e a incrível capacidade de realizar cenas e personagens que estavam presos na Amazônia, podendo circular livremente entre quaisquer outros personagens literários. (SÁNCHEZ, 1973, p. 1557-1558)

Espezúa Salmón também comenta sobre a escrita de quatro escritores peruanos, entre eles Izquierdo Ríos, no artigo “Contra la textolatría. Las motivaciones creativas en los testimonios de Arguedas, Alegría, Churata e Izquierdo Ríos”, que é possível verificar a referência a um projeto comum de literatura nacional entre esses escritores, e a ideia de que eles ocupam um lugar de intercessão na sociedade classista e preconceituosa do Peru, pois afirma: “Estoy seguro que lo que los caracteriza es proponer una modernidad otra desde un lugar de enunciación que está evidenciando por la experiencia vital”.(ESPEZÚA SALMÓN, 2008, p. 105)⁶

Izquierdo Ríos sempre fez questão de mostrar a relação direta de sua literatura com a sua experiência de vida. É óbvio que quando se trata da arte literária, nem tudo gira em torno da ficção, da imaginação, da fruição estética, pois existe nas obras um conteúdo de caráter histórico que pode impelir o leitor à ação social, mas existe, também, nas obras literárias, segundo Croce (2001), um apelo interativo de dimensões contemplativas, produzido pela criatividade de suas formas, que faz com que elas possuam um fim em si mesmas, exigindo de nós, apenas, que nos dissolvamos, ou nos integremos nelas, para que se realize, pela recepção intuitiva, o fenômeno da contemplação, ou experiência estética.

Para Rodríguez (2005, p. 220), o autor peruano é pioneiro em apresentar uma imagem autêntica da Amazônia peruana, com total autoridade que até incorporou elementos autobiográficos na sua narrativa, desmitificando, dessa forma, a imagem exótica e tenebrosa da floresta, disseminada nos séculos passados.

O espraiamento da fortuna crítica de Izquierdo Ríos será de grande importância tanto para a literatura nacional peruana como para a literatura da Pan-Amazônia. Fortalecer sua voz, durante muito tempo silenciada, ou de alguma forma ignorada, corresponde a dar vazão a um espaço tão vasto quanto o da floresta amazônica, e tão forte como o fluir do Amazonas, o mais

⁶ “Estou certo que o que os caracteriza é propor uma outra modernidade, a partir de um lugar de enuncição que está evidenciando pela experiência vital”. (tradução minha)

poderoso rio do planeta.

3 *Chove em Iquitos*: tradução publicada no Brasil

O romance *Días Oscuros* é a única obra de Izquierdo Ríos traduzida no Brasil. A base de análise será a obra *Clube do Livro e a Tradução* (2002), de John Milton, e as discussões de José Lambert, no artigo *A tradução*, presente no livro *Literatura e Tradução* (2011). Milton (2002) analisa a editora Clube do Livro e suas publicações de literatura traduzida durante mais de 40 anos de atividade, considerando, durante esse tempo, as aquisições feitas por outras editoras ao assumir as dívidas deixadas pela Clube do Livro, como a editora Ática, que foi a última que a adquiriu em 1989, extinguindo-a no mesmo ano.

A obra *Días Oscuros*, de Izquierdo Ríos, publicada em português brasileiro, em 1975, pela editora Clube do Livro, foi traduzida por Armando Pacheco, com o título *Chove em Iquitos*. Quase não existem informações disponíveis a respeito do tradutor. Ele traduziu dois romances de literatura peruana para a referida editora: *Chove em Iquitos*, já mencionado, e *A serpente de ouro*, de Ciro Alegría (1972), o que indica possivelmente seu interesse pelos autores do grupo a que pertenceu o peruano.

Días Oscuros, publicado no Peru, em 1950, é considerado o primeiro romance urbano do país andino, segundo Ricardo Vírhuez Villafañe, no artigo *La literatura en Iquitos* (2014). Sobre isso, comenta o crítico:

no debe extrañarnos que la primera novela urbana en el Perú sea amazónica y tenga como escenario los barrios pobres de Iquitos: *Días oscuros*, de Francisco Izquierdo Ríos, publicada en 1950 y expresión de la miseria en Belén, el barrio curiosamente más turístico de la ciudad. (p. 210)⁷

Neste seu artigo, Vírhuez Villafañe, que faz um percurso pelas décadas do século XX ao elencar as obras literárias publicadas, abre os anos de 1950 informando sobre a obra *Días Oscuros*: “el escenario es la ciudad de Iquitos, la pobreza, la búsqueda de la salud que parece ser la misma búsqueda de la existencia, el enfrentamiento con personajes anclados en el pasado, y una atmósfera de realismo psicológico novedoso”. (VÍRHUEZ VILLAFÑE, 2014, p. 212)⁸

Na Amazônia brasileira temos o autor paraense Bruno de Menezes, autor da obra *Maria Dagmar* (1950), como outro possível pioneiro, pois seu romance é também urbano e se passa na cidade de Belém, capital do estado do Pará. A título de informação, acrescenta-se ainda que no ano de 1888, em Belém do Pará, foi publicado o romance urbano *Hortência*, de João Marques de Carvalho, autor paraense. A narrativa se passa na cidade de Belém, no final do século XIX, descrevendo a paisagem urbana, com os prédios, praças e monumentos da capital paraense e

⁷ “não devemos estranhar que o primeiro romance urbano no Peru seja amazônico e tenha como palco os bairros pobres de Iquitos: *Días Oscuros*, de Francisco Izquierdo Ríos, publicado em 1950, expressão da miséria em Belén, o bairro curiosamente mais turístico da cidade” (tradução minha).

⁸ “o palco é a cidade de Iquitos, a pobreza, a busca pela saúde que parece ser a mesma busca pela existência, o enfrentamento com personagens ancorados no passado, e uma atmosfera de realismo psicológico inovador” (tradução minha).

retratando o tema polêmico do incesto entre a moça Hortênciã e seu irmão Lourenço.

Días Oscuros (1950) narra a dificuldade de uma família, recém-chegada a Iquitos, em conseguir atendimento médico apropriado. A esposa do protagonista chega com muita dor depois de sofrer aborto espontâneo de gêmeos durante a viagem, a partir daí o esposo se depara com os problemas peculiares da vida urbana em Iquitos. Comenta Manuel Marticorena Quintanilla (2009, p. 95):

Esta novela, escrita en primera persona, narra las peripecias de un pobre profesor que trata de salvar la vida de su esposa, también presenta la burocracia, la atención médica, el chantaje y la solidaridad de los amigos y padres de familia, sobre todo los más pobres. Observa el lector en la ficción, los nuevos problemas de la vida urbana, que posteriormente se irán agudizando en la vida real, materia de otras narraciones literarias que abordan las obras novelísticas de nuestros días.⁹

Em relação à tradução publicada pela editora Clube do Livro, *Chove em Iquitos* (1975), de Izquierdo Ríos, acrescenta-se que nesta edição, além do romance *Días Oscuros*, há onze contos do livro *Sinti, El viborero* (1967), e deste livro, que contém quinze contos, somente um permaneceu com o mesmo título na publicação brasileira (“Elvira de Aguirre”), todos os outros apresentam títulos diferentes dos textos de partida. Os contos que fazem parte da edição brasileira de *Chove em Iquitos* são:

	Título em espanhol peruano	Título traduzido para o português brasileiro por Armando Pacheco
1	Cielo sin nubes	Sob as primeiras estrelas
2	Elvira de Aguirre	Elvira de Aguirre
3	Higos Urco	Os voluntários de Chachapoyanos
4	Faqui Tuanama	Uma flauta na selva
5	Sinti, el viborero	O domador de serpentes
6	Merengo	A estranha história de Teófilo Morengo
7	Tancredo Agama	O casamento de Carmen Tello
8	El último puñete	A despedida
9	Pascana	O caminho dos incas
10	Yerno	A montanha solitária
11	Ovejía	O povoado dorme no tempo

⁹ “Este romance, escrito em primeira pessoa, narra os incidentes de um pobre professor que trata de salvar a vida de sua esposa, também apresenta a burocracia, a atenção médica, a chantagem e a solidariedade dos amigos e pais de família, sobretudo dos mais pobres. Observa o leitor na ficção, os novos problemas da vida urbana, que posteriormente irá se agravando na vida real, matéria de outras narrações literárias que abordam as obras romanescas de nossos dias.” (tradução minha)

O que mais impressiona nessa publicação são os severos cortes feitos tanto no romance *Días Oscuros*; quanto nos onze contos que compõem a obra traduzida de publicação brasileira. Parágrafos inteiros não foram traduzidos e até páginas foram ignoradas, o que se explica em função da política editorial negligente adotada pela editora Clube do Livro, esta que perpassou por duas ditaduras, aceitando o projeto de nação reacionário que tentava delinear o Brasil, a partir da política editorial limitante.

Segundo Milton (2002), o corpo editorial do Clube do Livro dava maior importância aos custos de publicação que o respeito à integridade das obras traduzidas, de modo que sua finalidade era conseguir vender seus livros sempre um terço abaixo do valor praticado pelas livrarias. Os livros eram entregues via correio ou por entregadores particulares, no Brasil todo. O leitor pagava mensalmente para ter acesso às obras do catálogo ou do lançamento. Essa política de acesso barato ao livro foi de grande importância para a editora formar um público substancial de leitores no Brasil, pena que lhe faltasse rigor editorial.

A editora surgiu durante a ditadura Vargas, em 1943, e atravessou a ditadura militar de 1964. As regras da editora estavam relacionadas à conduta moral e ao patriotismo do cidadão brasileiro. O projeto editorial estava alinhado com o projeto de nação do governo brasileiro da época, por isso as traduções deveriam atender, além da prática da autocensura, algumas regras para manter o sucesso de vendas. As regras principais eram: (1º) Lema do patriotismo em plena ditadura militar; (2º) Ausência de linguagem informal e regional nas traduções; (3º) Redução de qualquer romance traduzido até 160 páginas e; (4º) Ausência de elementos sexuais e escatológicos. Essas regras foram levadas à risca pelos tradutores e editores, de tal sorte que muitos romances foram imensamente violados, não podiam tratar de embriaguez, cigarro, sexo, aborto, palavras de baixo calão, regionalismos, enfim, a ficção estrangeira ganhou uma “nova tradução à brasileira”. Para Torres (2013, p. 135) “[é] possível verificar como os tradutores traduziram, ao analisar especificamente elementos culturais encontrados nas traduções (expressões idiomáticas, nomes próprios, topônimos, marcas de oralidade...)”. Não aconteceu diferente com a narrativa *Días Oscuros*, de Izquierdo Ríos. Até seu título foi traduzido: *Chove em Iquitos*.

Uma possibilidade de explicação para o título ser tão diverso do texto-fonte no Brasil, parece derivar do fato de quando o escritor paraense Dalcídio Jurandir ganhou, em 1940, o concurso da *Revista Dom Casmurro*, com a obra *Chove nos campos de Cachoeira*. Essa obra além de receber elogios de Oswald de Andrade, Sérgio Milliet e Álvaro Lins, fez seu autor ficar muito conhecido como o “autor da Amazônia”, na esfera nacional. Provavelmente, o tradutor Armando Pacheco, ou a equipe editorial do Clube do Livro, lembrou do nosso autor amazônico, e fazendo analogia entre as “Amazônias” (nacional e estrangeira, no caso do Peru), trouxe a palavra “chove” para o título, seguida da cidade Iquitos, pois Dalcídio Jurandir articulou dessa forma o título do seu romance: a palavra “chove” mais “campos” e mais o nome da cidade Cachoeira do Arari, no Marajó. Acresça-se a isso o fato de que uma tradução direta do título faria o romance intitular-se “Dias Escuros”, o que poderia ser associado a uma caracterização negativa dos dias em que o país esteve sobre o controle da ditadura militar, entre os anos de 1964 e 1982.

Abaixo segue um pequeno exemplo do texto de partida (*Días Oscuros*) e do texto de chegada (*Chove em Iquitos*), evidenciando a omissão de várias partes na tradução. No exemplo, é possível perceber que o tema do aborto não foi tratado na tradução, pois o médico usa o termo “abreviar o parto” e não a palavra “aborto”, mas em seguida não vê a necessidade de realizar o

aborto, pois afirma que é possível a evolução da gestação. Na sequência do excerto, não se tem bebê nascido, nem bebê morto, e nem é comentado mais nada sobre o “parto abreviado”. E ainda tem o problema das úlceras nas pernas da esposa, que é totalmente ignorado na tradução.

○	<i>2- Altos e baixos na doença de Célia</i>
El doctor Torcuato Palomino era el médico que venía tratando a Celia. Ante los primeros síntomas del aborto, pensó extraer la criatura, pero después cambió de opinión. Me dijo: – Pensé extraer el feto creyendo que podría estar enfermo a causa de las úlceras que su señora tiene en la pierna...	O doutor Torquato Palomino era o médico que vinha tratando de minha esposa.
–Esas úlceras– le interrumpí– han originado unas neurosis...	~~~~~
–Pero, por el examen minucioso que hice a su señora, he comprobado que la criatura está sana y que puede seguir su evolución normal, a base de cuidados... Tiene tres meses.	–Pensei abreviar o parto, mas pelo exame minucioso que fiz comprovei que sendo a criança sadia pode seguir sua evolução natural, se ela se cuidar bem.
–Me alegro, doctor, pues quiero tener un hijo más. Hace tiempo que venimos perdiendo hijos por los continuos abortos de mi mujer.	–Eu me alegro, doutor, pois queremos ter mais um filho.
–Cuántos abortos ha tenido su señora?	~~~~~
–Cuatro.	~~~~~

Na análise dos romances, estes traduzidos pela editora Clube do Livro, Milton (2002) observa várias das regras que deveriam ser seguidas à risca pelo tradutor, enfatizando, na esfera da linguagem, a proibição em veicular o vocabulário regional e as gírias, que fogem do padrão da língua culta, uma vez que na tradução para o português brasileiro a obra deveria ater-se ao padrão culto da língua. Isso quer dizer que nas traduções da Editora Clube do Livro, o camponês, o operário, os bandidos, as crianças, enfim, todos falam a língua portuguesa formalmente.

A partir da análise de várias traduções realizadas no mesmo período por editoras diversas, não somente as da Clube do Livro, Milton constatou que era padrão as traduções seguirem regras fixas, como a de manter a linguagem formal da língua portuguesa. Isso porque havia um projeto de nação de interesse do governo nacional, ou melhor, da ditadura que estava no poder. A liberdade de expressão sempre incomodou governos ditatoriais, por isso o permanente controle das produções artísticas, editoriais, jornalísticas, entre outras, para garantir a “estabilidade” do governo.

José Lambert, em seu artigo “A tradução” (2011), destaca a importância de uma análise minuciosa da tradução e seu contexto histórico. Reconhecer o público, o tradutor, a editora, o momento histórico e geográfico, enfim, dados que possam oferecer inferências para a compreensão da tradução, facilitando a análise de um objeto histórico, a partir do modelo descritivo da tradução. Segundo Torres (2013, p. 135) “[a] teoria descritiva da tradução propõe estudar modelos, estratégias e tendências seguidas por tradutores e permite estabelecer como os textos existentes são traduzidos”. Toda tradução realizada em um período crítico (ou não) da história da humanidade traz registros no texto de chegada e define a concepção de tradução naquele momento. Comenta Lambert:

Segundo nossa perspectiva teórica, nos importa, em primeiro lugar, determinar a concepção das traduções num momento determinado da história. A tradução se torna assunto de estudo; procura-se saber quem produz as traduções, para que público, com o auxílio de que textos, em que gêneros, em que línguas e linguagens, segundo que registros e esquemas literários, em função de que modos literários, morais, linguísticos, políticos; e ademais, em função de que concepção de tradução. (2011, p. 196)

O livro *Chove em Iquitos*, publicado no Brasil, não apresenta na capa, ou em outro lugar, nenhuma informação sobre o fato de que, além do romance, há também contos do autor. Só é possível saber da existência dos contos quando se termina a leitura do romance, e, na página seguinte, lê-se o título *Contos Peruanos*, ao qual seguem os onze contos. Esta informação não está também registrada no prefácio de Nelson Vainer, que faz uma análise desconectada dos objetivos estéticos e humanísticos de Izquierdo Ríos, repleta de comentários preconceituosos contra os indígenas, tratando a Amazônia peruana como “fim do mundo”. Segundo o prefácio:

Por volta de 1941, o escritor peruano Francisco Izquierdo Ríos, então Inspetor de Ensino, foi parar naquele fim de mundo, onde residiu algum tempo. Nesse mundo novo, ainda não retratado pela pena de um escritor, Francisco Izquierdo Ríos colhia matéria-prima, extraída da paisagem uniforme da região, do Sol, da água e das árvores, da terra tosca e bravia, da exploração da flora e da luz, dos rios e lagos agrestes, das alimálias e outros bichos, do povo saído do imenso caldeirão de raças e dos aborígenes da selva, ainda puros e não metamorfoseados pela civilização. Resultado: ao regressar à Lima, começou a escrever uma novela sobre aquele mundo desconhecido e a publicou sob o título de *Dias Escuros*, que na versão em língua portuguesa sairá com o de *Chove em Iquitos*. (IZQUIERDO RÍOS, 1975, p. 7)

Outra informação equivocada de Nelson Vainer, no prefácio, é afirmar que Francisco Izquierdo Ríos foi o primeiro autor peruano a escrever sobre a Amazônia peruana. Essa informação não é verdadeira. Para título de informação, em 1917, Jenaro E. Herrera (1861-1939), escritor, juiz e prefeito de Iquitos (1913), natural de Moyobamba (região amazônica), publicou o livro *Leyendas y tradiciones de Loreto*, contendo 48 contos com a mesma temática. Esse autor também escreveu outras obras de valor histórico e geográfico, além de livros sobre fauna e flora, temas políticos, cartografia e dicionários. A maioria de suas obras são publicações póstumas.

4 Algumas considerações

O papel político de Izquierdo Ríos foi o de divulgar a literatura escrita na Amazônia, no Peru, levando suas obras e de outros escritores amazônicos para os círculos literários limenhos. Mesmo a literatura da Amazônia sendo tratada como literatura regional ou “criolla” na maioria dos compêndios de literatura e críticas literárias, Izquierdo Ríos não mediu esforços para realizar a tarefa. Foi um árduo divulgador da literatura das regiões mais afastadas da capital. Idealizou um livro de contos com lendas de todas as regiões do Peru, e conseguiu essa façanha recebendo cartas de professores (com contos, mitos, lendas, poesia, tradições, canções, ditos populares, adivinhações, etc.) de todas as regiões. Mais tarde dividiu a tarefa com José Maria Arguedas, e dessa parceria surgiu a publicação do livro *Mitos, leyendas y cuentos peruanos*, em 1947, já comentado antes. De acordo com Izquierdo Ríos, este livro não deveria estar assinado com seu nome e nem o de Arguedas, mas, sim, com o dos professores peruanos que efetivamente ajudaram a torná-lo realidade, num esforço coletivo de organização. (IZQUIERDO RÍOS, 1975)

É reconhecido o esforço político de Izquierdo Ríos ao divulgar a literatura peruana não somente em seu país como também em outros países da América Latina. *Días Oscuros* ganhou tradução, mesmo atendendo às regras editoriais sob a ditadura militar brasileira, que via na tradução uma ameaça constante que pudesse acender a luz da esperança democrática nos leitores. A tradução desse romance para o português brasileiro diz muito sobre nosso país em vários aspectos, principalmente o contexto histórico. Na própria tradução *Chove em Iquitos* é possível perceber o projeto editorial e o projeto de nação para atender o valor moral e cível do leitor brasileiro naquele momento histórico.

Referências

AYALA OLAZÁVAL, J. L. Mateo Paiva y el magisterio peruano. In: *Rotación de las elipsis y otros*. Lima: Fondo Editorial de Cultura Peruana, 2012.

CANDIDO, A. O direito à Literatura. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, pp. 235-264, 1995.

CHIRIF, A. *Diccionario Amazónico Diccionario amazónico. Voces del castellano en la selva peruana*. Lima: Centro Amazónico de Antropología y Aplicación Práctica-Lluvia, 2016.

CROCE, B. *Breviário de Estética*. São Paulo: Ática, 2001.

Diccionario de la Real Academia Española (RAE). Disponível em: <<http://dle.rae.es/?id=akIkdKB>>. Acesso em: 20 dez 2019.

Dicionário online Caldas Aulete. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/trocha>>. Acesso em: 20 dez 2019.

ESPEZÚA SALMÓN, D. Contra la textolatría. Las motivaciones creativas en los testimonios de Arguedas, Alegría, Churata e Izquierdo Ríos. *Revista Letras* 79, n. 114, 2008. Disponível em: <http://sisbib.unmsm.edu.pe/BibVirtual/Publicaciones/letras/contenidos/2008_n114.htm>.

Acesso em: 12 nov 2019.

FLORES HEREDIA, G. Prólogo: *La cuentística de Francisco Izquierdo Ríos. Fuego y reflexiones*. In: IZQUIERDO RÍOS, Francisco. *Cuentos*. Tomo I. Lima: Fondo Editorial UNMSM, 2010.

IZQUIERDO RÍOS, F. *Belén*. Lima: Talleres Gráficos P. L. Villanueva Editor, 1971.

IZQUIERDO RÍOS, F. *Cuentos*. Tomo I. Lima: Fondo Editorial UNMSM, 2010.

IZQUIERDO RÍOS, F. *Días Oscuros*. 2. ed. Iquitos: Ediciones Populares Selva, 1966.

IZQUIERDO RÍOS, Francisco. *Chove en Iquitos*. Tradução de Armando Pacheco. São Paulo: Clube do Livro, 1975.

LAMBERT, J. A tradução. Tradução de Marie-Hélène Torres e Álvaro Faleiros. In: GUERINI, A.; TORRES, M.H.; COSTA, W. *Literatura e Tradução: textos selecionados de José Lambert*. Rio de Janeiro: 7 letras, pp. 193-207, 2011.

MARTICORENA QUINTANILLA, M. *De Shamiro decidores: proceso de la literatura amazónica peruana (de 1542 a 2009)*. Iquitos: Arteidea, 2009.

MILTON, J. *O clube do livro e a tradução*. Bauru/SP: EDUSC, 2002.

RODRIGUEZ, M. Voces autóctonas de la Amazonía: soledad, reivindicación y cambio. *Revista Romance Notes*, v. 45, n. 2, 2005. Disponível em: <<https://www.questia.com/library/journal/1G1-194333555/voces-autoctonas-de-la-amazonia-soledad-reivindicacion>>. Acesso em: 17 jul 2019.

SÁNCHEZ, L. A. *La literatura peruana. Derrotero para una historia cultural del Perú*. Lima: P.L. Villanueva Editor, 1973.

TORRES, Ma. H. C. O tradutor: perfil e análise. In: COSTA, W.; GUIMARÃES, M.; LEAL, I. (org.). *No horizonte do provisório: ensaios sobre tradução*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

VÍRHUEZ VILLAFANE, R. La literatura en Iquitos. In: GABAI, R. V.; MAZA, C. *Iquitos*. Lima: Gráfica Biblos, pp. 210-217, 2014.

Recebido em: 15/11/2021

Aceito em: 16/03/2022